

ROTHA

Cultural

Jornalismo para preservar histórias,
memórias e identidades

Edição nº 17 - Março 2025



A Última Conversa

Monlevadense lança livro e assina ilustrações em homenagem a Louis Enschede

A cidade de João Monlevade ganha um novo e importante registro literário. O escritor e artista plástico, Afonso Torres da Silva, lança "A Última Conversa", uma obra biográfica sobre o engenheiro luxemburguês Louis Jacques Enschede. Ele é considerado o pai da siderurgia

nacional e figura central na Companhia Siderúrgica BelgoMineira (CSBM).

O livro já está disponível ao público, após o lançamento em sessão na Câmara Municipal de João Monlevade, na quarta-feira (26). Segundo o autor, a obra também antecipa as comemorações

do Jubileu de 75 anos da morte do biografado, ocorrida em 1953, além do centenário de sua chegada ao Brasil, que ocorrerá em 2027.

Diferente de uma biografia convencional, Afonso Torres constrói sua narrativa a partir de um episódio real ocorri-

do dez dias antes da morte de Louis Enschede. A partir desse fato, o autor cria um diálogo fictício entre Enschede e o magnata das comunicações Assis Chateaubriand, resultando em uma obra que mescla história e ficção de forma envolvente.

O engenheiro luxemburguês, que deixou um legado incontestável em Monlevade, em Minas e no Brasil, é retratado em contraste com o perspicaz e polêmico jornalista paraibano. Com isso, gera um enredo dinâmico e repleto de reflexões. Segundo Afonso, a relação entre Enschede e Chateaubriand era verdadeira, tanto que o engenheiro contribuiu com doações para o Museu de Arte de São Paulo (Masp), fundado pelo megaempresário da comunicação, em 1947. Essa conexão entre os dois personagens históricos dá ainda mais veracidade ao romance.

PESQUISA

A construção da obra demandou um extenso trabalho de pesquisa. Afonso conta que a redação de "A Última Conversa" levou entre dois e três anos, consolidando um levantamento histórico que ele desenvolve há décadas. Além do texto, ele também assina as ilustrações do livro, criadas a partir de fotografias históricas da então Vila Operária e das primeiras décadas da



Afonso lê seu livro no Solar Monlevade

CSBM, que deu origem à atual ArcelorMittal. Utilizando técnicas de grafite, o autor confere às imagens uma atmosfera que transporta o leitor ao passado, enriquecendo ainda mais a experiência da leitura.

APOIO

O livro conta com o apoio do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (CREA-MG), por meio da Associação dos Engenheiros de João Monlevade. Para o presidente do Crea, Marcos Venícius Gervásio, a publicação vai além de um simples registro histórico. "A Última Conversa não é apenas um relato, mas uma celebração da visão e da determinação daqueles que enfrentaram desafios técnicos e humanos para transformar sonhos em realidade", destaca. Ele também espera que a obra

"inspire os leitores a reconhecer a grandiosidade da engenharia e sua profunda conexão com a história de nossa cidade".

Com o seu novo livro, Afonso Torres da Silva reafirma seu compromisso com a história e a memória, não só de Monlevade, mas de Minas e do Brasil. O texto leve e com ilustrações a partir de fotos, entregam ao público uma obra que promete emocionar e resgatar importantes fragmentos da história. "A Última Conversa" presta um tributo a dois grandes personagens que ajudaram a moldar o desenvolvimento do Brasil no século XX.

Os exemplares estão disponíveis na livraria República Literária, na rua Luiz Prandini, 38, no bairro Carneirinhos. Também podem ser adquiridas diretamente com Afonso Torres, pelo telefone (31) 98833-1874.

LIXO

NO HORÁRIO ERRADO É PROBLEMA CERTO!

COMERCIANTES E MORADORES DAS AVENIDAS: GETÚLIO VARGAS, WILSON ALVARENGA, ARMANDO FAJARDO, CASTELO BRANCO, ALBERTO LIMA E AV. GENTIL BICALHO. RESPEITEM OS HORÁRIOS E AJUDEM A MANTER A CIDADE LIMPA.

A COLETA É FEITA DIARIAMENTE A PARTIR DAS 18H. DESCARTE SEU LIXO SOMENTE NESSE HORÁRIO.

LIXO FORA DO HORÁRIO CAUSA MAU CHEIRO, SUJEIRA NAS RUAS E ATRAI ANIMAIS.

RECICLÁVEIS DEVEM SER RECOLHIDOS PELA ATLMARJOM.

FAÇA A SUA PARTE!

CONFIRA OS HORÁRIOS DA ATLMARJOM

PREFEITURA DE JOÃO MONLEVADE
ADMINISTRAÇÃO 2025 - 2028

EXPEDIENTE: JORNAL ROTH CULTURAL - Fundador e editor: Erivelton Braz

Rotha Cultural - Publicação da Rotha Assessoria LTDA

Rua Betim, 295, Lourdes – João Monlevade - MG - CEP: 35930-063 / Tel: (31) 98484-1352/ feliciobraz@yahoo.com.br

CNPJ: 27.510.172/0001-61 - Distribuição gratuita dirigida a escolas, bibliotecas e entidades - Tiragem: 1.000 exemplares

João Monlevade, Médio Piracicaba, Brasil e Mundo - Diagramação e arte: Guilherme Bessa

Colaboradores desta edição:

Wir Caetano

Festa para todos

João Monlevade celebra 61 anos com programação diversificada e grandes nomes da música brasileira

João Monlevade se prepara para celebrar 61 anos de emancipação política-administrativa com uma festa recheada de atrações culturais, musicais e muita diversão para os moradores e visitantes da cidade. O grande evento acontecerá no dia 29 de abril, e promete envolver a comunidade de todas as idades, com shows de artistas renomados e diversas atividades culturais.

A programação, divulgada pela Prefeitura, na última semana, foi cuidadosamente planejada, com a intenção de agradar todos os públicos e refletir a diversidade cultural. De acordo com Nadja Lírio, diretora presidente da Fundação Casa de Cultura, a ideia é garantir que cada morador se sinta representado durante as festividades. “Queríamos uma festa que fosse verdadeiramente para todos, onde cada morador se sentisse representado e pudesse celebrar com alegria”, afirmou ela.

ATRAÇÕES

Os shows, que ocorrerão na Praça do Povo, em Carneirinhos, prometem ser o grande atrativo da comemoração de aniversário da cidade. A festa começa com a apresentação da cantora e pastora Midian Lima, no dia 26 de abril. Ela é uma das maiores referências do cenário gospel brasileiro. A cantora promete emocionar o público com um show cheio de fé, música e louvores. Nos últimos anos, ela se tornou um dos maiores nomes da música cristã do país. Os monlevadenses poderão ouvir os hits: “Jó”, “Mais Um Dia”, “Entre para o Templo”, “O Céu se Abre”, entre outros.

No dia seguinte, 27 de abril, a programação continua com a apresentação do cantor Bruno Rosa. Ele é um

dos nomes mais queridos do sertanejo nacional. O cantor capixaba tem a voz comparada à de Gustavo Lima e promete um show cheio de sucessos consagrados, como “Você Vai Ver”, “Na hora H”, “Estrela Perdida”, além de novas canções como “Fiu, Fiu” e “Cerveja e Socorro”.

Na sequência, a cantora, compositora, percussionista, instrumentista e atriz, Martnália, vai levar a galera ao delírio com um show repleto de ritmo, tradição e muito carisma. A filha de Martinho da Vila, é também um dos grandes nomes do samba e do pagode, acaba de lançar um álbum com sucessos do pagode anos 90. A cantora deu seu toque pessoal na interpretação das marcantes canções como “Cheia de Manias”, “Derê”, “Recado à minha Amada” que aproximam gerações do samba. Além dessas, em seu show, não faltam sucessos como Pé do meu Samba, Cabide, Namora Comigo, entre outras.

DIVERSIDADE

A escolha dos artistas é um reflexo da diversidade musical presente em João Monlevade, cidade que acolhe pessoas de diferentes origens e culturas. O prefeito Laércio Ribeiro (PT) ressaltou que as atrações foram pensadas para representar a pluralidade de gostos da população. “Queremos que todos se sintam parte dessa celebração. É um presente da cidade para seus moradores”, afirmou o prefeito.

Além dos shows, a programação inclui o Circuito Cultural, que se espalhará por bairros como Vila Tanque e Novo Cruzeiro, trazendo música, arte e cultura para diferentes pontos da cidade. Em breve, a programação completa será divulgada.



Fotos: Divulgação

Diversidade: Entre os shows, estão o gospel de Midian Lima, o sertanejo universitário de Bruno Rosa e o samba de Mart'nália

@camarajoaomonlevade

Mulher: Sua Voz Tem Vez, Seu Direito Tem Voz!

A Câmara Municipal de João Monlevade está ao seu lado!

Se precisar de acolhimento, apoio ou orientação, procure a **PROCURADORIA DA MULHER.**

Vamos juntos construir um futuro com mais respeito, igualdade e segurança!

Entre em contato:
(31) 3852-3524

procuradoriadamulher@joaomonlevade.mg.leg.br

Local: Câmara Municipal de João Monlevade

Av. Dona Nenela, nº 146
Bairro JK - João Monlevade/MG



Procuradoria da Mulher



Câmara Municipal de João Monlevade
BIÊNIO 2025/2026
Câmara forte, cidade forte!

Biblioteca do Icam tem 15 mil livros

Preservando a História e a Literatura Mineira

Instituto Cultural Amílcar Martins, em BH, é um dos maiores guardiões da memória histórica e literária de Minas Gerais

Minas Gerais, um dos estados mais ricos em história, cultura e literatura do Brasil, possui um patrimônio imensurável de obras e documentos que são vitais para o entendimento de sua identidade e legado. Entre as instituições que se destacam na preservação desse patrimônio, o Instituto Cultural Amílcar Martins (Icam) se consolidou como um dos maiores guardiões da memória histórica e literária mineira.

Em seu acervo, estão mais de 14 mil títulos entre livros, opúsculos (publicações de até 48 páginas) e periódicos sobre a história e a cultura de Minas: coleções, almanaques municipais, histórias institucionais, livros de memórias e biografias de mineiros; dicionários históricos, biográficos, coreografias, enciclopédias de arte e literatura, mapoteca e uma importante coleção de obras raras, a Biblioteca Manoel José de Paiva Júnior, com primeiras edições dos séculos XVIII e XIX e primeiras décadas do século XX, incluindo obras de viajantes, livros de arte e edições autografadas por escritores mineiros.

A HISTÓRIA DO ICAM

Fundado em 2001, o Instituto Cultural Amílcar Martins surgiu com o propósito de estudar, preservar e divulgar a rica história e a cultura de Minas Gerais. Seu nome é uma homenagem ao es-

critor, jornalista e historiador Amílcar Martins, figura ícone da literatura mineira, que dedicou sua vida à pesquisa e preservação da história de seu estado natal.

A sede, na rua Ceará, em Belo Horizonte, é um verdadeiro centro cultural e de pesquisa, onde se encontram mais de 15 mil títulos em seu acervo bibliográfico. A instituição também conta com salas de pesquisa, uma oficina de conservação e restauro de livros, e um laboratório de digitalização, ferramentas essenciais para o cuidado de suas preciosas coleções.

PROGRAMA MEMÓRIA DO MUNDO

Em 2016, o Icam recebeu um reconhecimento de grande relevância internacional ao ver sua coleção de obras raras incluída no Programa Memória do Mundo da Unesco. Este programa tem como objetivo identificar e proteger acervos documentais de valor inestimável para a história global, e o Icam tornou-se o primeiro acervo bibliográfico brasileiro a ser agraciado com o título de "Memory of the World". Ao lado de registros históricos de grande importância, como a Bíblia de Gutenberg e o Tratado de Tordesilhas, a coleção do Icam foi elevada a um status único, consolidando sua importância no cenário cultural mundial.

O IMPACTO CULTURAL E EDUCACIONAL

O trabalho do instituto vai além da preservação do acervo. A instituição também desempenha um papel ativo na educação e na formação de novos pesquisadores e estudiosos da história mineira. Com uma programação contínua de seminários, workshops e palestras, o Instituto oferece oportunidades para o aprofundamento do conhecimento sobre Minas Gerais e suas tradições culturais.

Além disso, mantém uma linha editorial dedicada à publicação de obras relevantes para a literatura e história mineira. A "Coleção Memória de Minas" já publicou diversas obras de escritores nacionais e é uma importante ferramenta de difusão cultural. Através de programas de bolsas de estudo voltados para pós-graduandos, o Instituto contribui diretamente para o desenvolvimento acadêmico e intelectual da região.

COMPROMISSO COM A CULTURA

O Icam tem um compromisso profundo com a democratização da cultura e do conhecimento. Sua biblioteca, que é aberta ao público de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h, oferece um ambiente acessível para aqueles que desejam conhecer mais sobre a história de Minas Gerais e suas riquezas literárias. Todas as atividades e serviços são gratuitos, graças ao apoio das Leis de Incentivo à Cultura, como a Lei Rouanet, a Lei Estadual de Incentivo à Cultura e a Lei Municipal de Incentivo à Cultura. Para saber mais sobre as atividades, acervos e eventos do Instituto, basta acessar o site oficial através do QR Code:



Espaço Cultural tem local para pesquisas e estudos

Alantusé

Nomes de escravizados de Jean Monlevade, que ajudaram a edificar a cidade, seguem em evidência na Praça do Povo

(*) Erivelton Braz

Modesto, Ignácia, Tresciliana, Jose Alves, Flavia, Modestinho. Cipriano, Bárbara, Joaquim, Izabel, Severiano. Laurindo, Pedro, José Maria, Marciano, Júlio, Balbina, Moyses, Firmino. Emilia, Belmiro, Maria do Carmo, Caetano, Thomazia. Aniceto, Antônio, Joaquim Manoel, Florencia, Feliciano, Raimundo. Luiz Maria, Felisberto, Thereza, Elias, José Carlos, Carolina. Bernardino, Lucindo, Diogo, Eleonora, Maria da Gloria, Dioga. Firmina, Leopoldina, Anninha, Lauriana, Eliza, Victoria, Januário. Joaquina, Venância, Antonica, Joaquim Bento, Theodorico, Estevão, Valentina. Theodora, Olimpio, Rosa Lima, Felicidade, Augustina, Luiza Calista, Jose Venancio, Brígida. Casemiro, Luiza, Maria Luiza, Sergio, Theophilo, Maria Casemira. Eulália, Ronaldo, Mariana, Cecilia, Gregório, Benedicta, Sarafina. Valeriano, Sofia, Justina, Sanches, Francisca, Plácido, Vicente, Jacintha, Genoveva Efemia. Januaria, Jorge, Suterio. Izidoro, Floriano, Norberto. Eleuterio, Germano, Genoino. Delfino, Carlos, Rufino, Fortunato, Justino, Adão, Gil, Feliciano, Barnabé, João de Deos, Celestino. Policarpo, Clementina, Narciza, Joaquim Pedro, Ambrozina, Jose Balbino, Andreza, Bartholomeu Efigenia. Manuella, Guilhermina, Rodrigo, Filomena, Calisto Rodrigo, Graciano, Paulino, Henriqueta, Jovita, Jose, Izabel, Clemente, Honorio Joaquina, Jacintho. Cristiano, Maria Caetana, Gemerosa, Thomé, Jesuina, Zacarias, Bonifacio, Flavio, Henrique, Fernando, Julia, Eva, Juliana, Abrahão, Ancelmo, Benvinda. Ângelo, Juvenal, Colita Joaquina, Izac, Augusto, Claudina, Luiza, Virginia. Naneta, Sabina, Eugenia, Dorcelina, Franco, Ritta, Manoel, Leão Juvencio, Gaspar, Maria, Gôrda, Simão. Geraldo, Franceline, Joana, Franceline, Pio, Gregório. Domingos, Santos, Romana. Constança, Cristina, Elisa, Maria Josephina, Francisco, Custodia,

Martha, Custódia Tito, Braz, Lucia, Crysosotomo, Lucia. Ambrozina, Crispim, Francisca, Cirillo, Manuelzinho, Daniel, Bento, Leandro, Beatriz, Rachel, Florentino. Virgilio, Mesias, Albina, Francisco, Romão, Clara, Custodio, Tobias, Juvita, Maximiano, Julia, Balduino, Justo. Laura, Belizario, Pio, Messias, Fausta, Euzebia. David, Guilherme, Antonio, Maria Andreza, Ignez, Francisco, Julio Borges, Manuel Borges, Rosalina, Patricio, Clemencia, Justino, Theotônio, Herculano, Emerenciana, Candido, Libania, Luciana, Faustino, Helena, Evencio, Piedade, Leocadia, Augusto, Felippa, Sabino, Apolinaria, Domingos Mariano, Maria Rosa, Jacob e Luzia.

Esses são os nomes de negros escravizados e de negras escravizadas que trabalharam nas terras de Jean Monlevade. A lista integra o inventário dele, feito após sua morte, em 1872. Portanto, são 152 anos de silêncio acerca dos homens e mulheres africanos e seus descendentes, que viveram forçados a trabalhar para o senhor de Monlevade.

Foram deles a força, o sangue e o suor, que construíram e puseram para funcionar, uma das mais importantes fábricas de ferro do país no século XIX, além da Fazenda de Tombos de Carangola (MG), também propriedade do francês.

Será que alguns desses estão sepultados no Cemitério Histórico no bairro Vila Tanque? Ali, como sabido, não há lápide, número ou identificação de suas sepulturas. Por isso, essa relação publicada na tese da historiadora Martha Rebelatto, em 2012 na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), é tão importante para a história de nossa cidade.

O material e o projeto vieram à tona em novembro passado, através do jornalista monlevadense Wir Caetano e se transfor-

mou no belo projeto Alátúnse (pronuncia-se “alatunxé”).

A iniciativa é do Conselho Municipal de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Compir) e da Fundação Casa de Cultura de João Monlevade (FCC) marcou o 20 de novembro, primeiro feriado nacional (e também em Monlevade) do Dia de Zumbi e da Consciência Negra.

Os nomes seguem grafitados na Praça do Povo para todos verem lerem e saberem. Um gesto simbólico, de grande força histórica e cultural, que leva luz àqueles até então desconhecidos e que nunca tiveram destaque em nossa história.

E melhor lugar não havia em Monlevade. Afinal, “a praça é do povo, como o céu é do condor”, citando o poeta abolicionista Castro Alves. Viva Alátúnse – que significa quem contribui com a comunidade ou põe ordem no mundo. Reparação sendo feita.



(*)Erivelton Braz é Mestre em Letras, Teoria Literária e Crítica da Cultura, professor de Literatura, jornalista e escritor. Fundador da Rotha Assessoria e editor do Rotha Cultural

Foto: Wir Caetano



Projeto de resgate de memória valoriza os nomes antes pouco conhecidos



Aponte a câmera do celular e fale com o Sebrae como e onde quiser.

Ei! Você pode contar com o Sebrae em todo canto e em todo lugar.

ESTAMOS AÍ!

PRO QUE DER E VIER!

Se liga! Estamos aí:



0800 570 0800



APP SEBRAE



SEBRAE.COM.BR
/ATENDIMENTO



PRESENCIAL

SEBRAE

Central 24h, 7 dias por semana,
atendimento virtual e também em Libras.

Arte e Resistência: Mural Grafitado no Bem Viver Destaca Luta por Moradia

O muro da sede do Bem Viver, no bairro Cruzeiro Celeste, ganhou cores, formas e valorização da história dos bairros do entorno, com a realização do projeto "Interior", da artista Daniele de Oliveira. Viabilizado com recursos da Política Nacional Aldir Blanc (PNAB) e apoio da Prefeitura de João Monlevade, a iniciativa foi produzida pelo

Coletivo CriAção e busca destacar a luta por moradia, a organização comunitária e a resistência das mulheres na construção de territórios.

A escolha do local não foi por acaso. A avenida onde o mural foi realizado é uma das mais movimentadas da região, por onde passam diariamente trabalhadores, estu-

dantes e moradores. "Quis que essa arte estivesse nesse caminho, acessível a todos, para que as mulheres da comunidade pudessem se ver representadas, assim como eu me vejo na arte", afirma Daniele.

Para ampliar o impacto do projeto, além do mural, será lançado um minidocumentário sobre as ocupa-

ções do Estrela Dalva, abordando o processo do graffiti e contando com interpretação em Libras, feita por Crizin (Cristiano Genelhu), de Belo Horizonte.

A cobertura audiovisual foi realizada por Letícia Barbosa, e Gabriel Lima Guerra atuou como auxiliar de graffiti. Daniele destaca a importância da participação da equipe: "A participação deles foi fundamental, e sou imensamente grata por essa troca."

A motivação para o projeto, conta Daniele, vai além da valorização da arte urbana. "A intenção é contar a história das ocupações do Estrela Dalva, uma história muito bonita de coletividade, em que todos se uniram para construir suas casas por meio dos mutirões. É uma história pouco contada em nosso município, e o projeto busca, além de deixar a avenida mais bonita, levantar reflexões sobre o direito à moradia", explica a artista.

REALIZAÇÃO

O projeto "Interior" foi realizado com o apoio da Fundação Casa de Cultura de João



A artista Daniele desenvolveu o projeto

Monlevade, Prefeitura de João Monlevade, Secretaria de Obras, Ministério da Cultura e Governo Federal. A iniciativa reforça o papel da arte como ferramenta de conscientização social e de fortalecimento da identidade comunitária.

POR TODA A CIDADE

Outros espaços da cidade ganharam cores e representações artísticas realizadas pelo Coletivo CriAção. Entre esses, estão o ponto de ônibus em

frente à Secretaria Municipal de Saúde com a mensagem: "Não sou livre enquanto alguma mulher não o for", frase da escritora e poeta estadunidense, Audre Lorde.

Um dos destaques do grupo foi a revitalização do lado externo da sede do Coral Monlevade, localizado no entorno da Prefeitura. Em todas as paredes foram feitas pinturas de pessoas que têm relação com a música na cidade – a maioria mulheres – cantoras e compositoras.



Mural reproduz histórias e memórias da região do Novo Cruzeiro

A arte insubmissa de Charlene Bicalho

Artista nascida em João Monlevade e estudante na Universidade do Texas (EUA) fala sobre as linhas de força que atravessam suas obras em múltiplas linguagens

(*) Wir Cetano – Still Novo



Foto: Reprodução

Artista Charlene Bicalho amplifica a sua arte dentro e fora do Brasil

É ao legado das memórias da avó Marcionília, a criar sete filhos com água da cacimba, ou do pescador Cuíca, o homem a conduzi-la na infância pela primeira vez ao mar aberto, que Charlene Bicalho recorre para falar das raízes de seu trabalho no universo da arte contemporânea. A artista visual nasceu em 1982 em João Monlevade por não haver maternidade na terra onde viviam seus pais, Nova Era.

Ela vê essa migração presente em seu nascimento atravessar sua vida e também sua produção artística, que já transitou por espaços nacionais e internacionais. Multifacetada, sua arte se desdobra em diversas linguagens: fotografia, vídeos, texto, performance, “interven[ação]”, reflexões sobre culturas tradicionais, negritude, “processos contra-hegemônicos”. Entre esses, está a instalação “a água afia tudo o que vê pela frente”, que integrou a exposição “Dos Brasis - Arte e Pensamento Negros” no Sesc Belenzinho, na capital paulista, em 2023 e no Sesc Quitandinha (Petrópolis, RJ) em 2025.

“Neste trabalho, proponho encontros e criação de imagens em colaboração com os trabalhadores que atuam na manutenção da limpeza do Sesc Belenzinho. (...) É um trabalho que não está contido dentro do espaço expositivo e sim dialogando, se infiltrando e tensionando negociações com essa instituição (...), pensando nesse grupo de pessoas que mantêm essa instituição de pé”, diz Charlene.

Atualmente, com pesquisa sobre “tradição radical negra na arte contemporânea latino-americana”, ela cursa PhD na Universidade do Texas, em Austin (EUA). Confira trechos da entrevista:

Como se deu sua trajetória até consolidar-se como artista visual contemporânea?

Quando lembro da minha infância e parte da adolescência em Nova Era, me recordo da relação do meu corpo com pés de frutas, água de enchente, cachoeiras, peças de teatro, prosas no alpendre, acampamentos, aulas de dança, palcos improvisados, fontes de água na fachada das casas na rua Ceará e encontros com o mar. A trajetória não começa aí, mas todas essas memórias aparentemente desconexas compõem meu fazer afetado pelos deslocamentos e cidades distintas onde vivi.

Nascida em uma cidade de cerca de 17 mil habitantes, filha de professora e maquinista aposentados, sempre me retirei dos lugares em busca da Educação como possibilidade de (des)montar realidades. Assim se deu minha retirada de Minas Gerais para o Espírito Santo, onde me atentei para o mundo visual ao meu redor, a partir do entendimento de que eu era uma mulher negra, isso na altura dos 28 anos.

Para lidar com o novo mundo, que se descortinou a partir daí, iniciei a criação de contranarrativas por meio de instalações, objetos, espaço cultural, encontros formativos, performances, vídeos, fotografias que desembocaram compulsivamente em projetos diversos.

Mesmo com todo esse acúmulo de experiência, foi necessário me retirar para São Paulo para me colocar no mundo como artista e amplificar minha atuação dentro e fora do Brasil. Sinto também que foi um período necessário para decantar, organizar e compartilhar conhecimento por meio do projeto de mentoria “(DES)manches”, bem como o início do projeto processual site específico intitulado “a água afia tudo o que vê pela frente”. Algumas (im)possibilidades no Brasil me conduziram a mais uma retirada; atualmente estou baseada nos Estados Unidos. A meu ver, a consolidação como artista visual contemporânea é um processo de criação inacabado.

Quais são os principais conceitos norteadores de sua produção artística?

O que antecede e/ou (des)norteia minha produção artística é a intuição sinalizada pelo meu corpo, o que me permite relacionar com paisagens humanas e não-humanas. Poderia responder essa pergunta citando conceitos como: “fabulação crítica”, de Saidiya Hartman; “geografia insubmissa”, de [Maria] Beatriz Nascimento [historiadora e ativista negra]; “corpo-tela”, de Leda Maria Martins [poeta, ensaísta e professora universitária]; “escrivência” de Conceição Evaristo... mas me pego aqui lembrando das palavras de Raquel Trindade [escritora, coreógrafa], meses antes de sua partida: “estou evaporando”; das palavras do Mestre Antônio quando pisei pela primeira vez na Comunidade dos Arturos: “olha pra trás e põe sentido”; e as palavras do pescador Cuíca, quem me conduziu pela primeira vez ao mar aberto: “se prepara para entrar em outra dimensão”. Estamos infiltrados de tantos conceitos afrodiaspóricos não nomeados como da minha avó paterna, Dona Marcionília, quem criou sete filhos junto com a água da cacimba que tinha no quintal de casa. Vi muitas vezes essa mulher realizar ajuntamentos de pessoas,

driblar a escassez, trabalhar de forma coletiva, uma prática pautada pela teimosia. O exemplo da minha avó, uma mulher criadora/mantenedora de um local de sociabilidade, transmissão de saberes e elos afetivos é a principal referência para minhas práticas artísticas.

Um elemento muito presente em seu trabalho é a água. Por que a água tem esse lugar tão significativo nas vozes - ou abordagens - negras?

Revi a uma entrevista de programa da Cultne (canal de TV online produzido por pessoas negras e com temáticas de negritude), onde Januário Garcia entrevista Beatriz Nascimento, e essa entrevista gravada em 1988 me conduziu ao trecho do documentário Ori (1989), de autoria de Beatriz, que diz assim: “A terra é circular... o sol é um disco! Onde está a dialética? No mar. Atlântico - mãe! Como eles puderam partir daqui para um mundo desconhecido? Ai, eu chorei de amores pelos navegadores, meus pais. Chorei por tê-los odiado. Chorei por ainda ter mágoa dessa História. Mas chorei fundamentalmente diante da poesia do encontro do Tejo com o Atlântico... da poesia da partida para a conquista. Eles o fizeram por medo também e talvez tenham chorado... diante de todas as belezas além do mar Atlântico. Oh, paz infinita poder fazer elos de ligação numa história fragmentada, África e América e novamente Europa e África. Angolas, Jagas e os povos de Benin de onde vem minha mãe. Eu sou Atlântica!”. A água está diretamente conectada com a história e a cosmologia africana, e estou interessada em sua dimensão enquanto transmissora de mecanismos e dinâmicas de fuga. A água salgada por exemplo é capaz de se infiltrar no concreto, corroer o ferro e desestruturar o que acreditamos ser sólido. Carregar água no sobrenome “Bicalho” [alusão a água de bica], nome dado pelos mouros vindos do norte da África, é meu ponto de partida para investigar a performance, simbologia e movimentação das águas internas.

Leia entrevista completa através do QR CODE no site:



(*)Wir Cetano é jornalista, letrista de música, produtor cultural, fotógrafo e poeta. Ele edita a newsletter digital “STIL NOVO”, focada, principalmente, em arte contemporânea, questões étnico-raciais e cultura urbana.